
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

A EXPRESSÃO PRÁTICA DA ESPIRITUALIDADE E DA MÍSTICA DE JESUS: UM OLHAR A PARTIR DOS EVANGELHOS*

João Luiz Correia Júnior, UNICAP**

Resumo

O texto do Evangelho de Marcos expõe para o leitor as ações e os ensinamentos de um homem que, ao viver a essência da espiritualidade judaica, cultivou uma mística de profunda intimidade amorosa com Deus. A espiritualidade e a mística vivida de Jesus não foi do tipo intimista e solitária, mas se expressou por meio da compaixão solidária para com as pessoas que sofriam algum tipo de doença física e ou mental. As curas e exorcismos daquele líder religioso de Nazaré da Galileia, narradas em muitos trechos dos evangelhos, denotam uma profunda compaixão pelo sofrimento humano. O objetivo da comunicação é apresentar essa prática taumatúrgica de Jesus como expressão de sua espiritualidade, aprofundada em uma mística de intimidade com Deus, conforme se percebe nas entrelinhas dos Evangelhos Sinóticos e, de modo especial, do Evangelho segundo Marcos.

Palavras-chave: Judaísmo. Cristianismo. Movimento de Jesus.

Introdução

Jesus estava inserido num contexto de dura crise socioeconômica, na Galileia de dois mil anos atrás, sob a dominação do Império Romano, o que causava problemas diversos, tais como: empobrecimento crescente da população; proliferação de doenças físicas e mentais; indignação e revolta das multidões excluídas, inclusive contra aqueles que deviam conduzir o povo, segundo os critérios de Deus, e, pelo contrário, tiravam proveito da situação em benefício de si próprios, dos familiares e dos grupos a que pertenciam.

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 13 – Gênero, religião e espiritualidade.

** Pós-doutor em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Doutor em Teologia pela PUC-Rio, com concentração na área dos Estudos Bíblicos. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

Ao apresentar Jesus em plena atividade missionária na Galileia, lá pelo capítulo 6, o narrador do Evangelho de Marcos perscruta os sentimentos de Jesus e afirma que ele, ao ver essa "grande multidão", teve compaixão dela (porque era como ovelhas sem pastor); e começou a ensinar-lhes muitas coisas (Mc 6,34).

Esse Evangelho (que serviu de base para o de Mateus e de Lucas), já no primeiro capítulo deixa claro que Jesus, praticante da Religião Judaica, dentro da Sinagoga de Cafarnaum, transmitia "um novo ensinamento com autoridade" (Mc 1,27), e agia como um taumaturgo, isso é, como um homem de Deus que tem o domínio sobre as forças do mal que adoecem as pessoas (Mc 1,23-26). Esse novo ensinamento que se concretiza na prática solidária e terapêutica, causa tanta admiração que, no final do primeiro dia de missão, segundo a narrativa de Marcos, "trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados... E curou muitos doentes de diversas enfermidades..." (Mc 1,32-34).

Mas o que levou Jesus a cuidar da saúde das pessoas durante a sua missão? Onde encontrou forças para curá-las de suas mazelas físicas e mentais? Pelo menos dois fatores interligados: primeiro, uma profunda espiritualidade, dentro de uma religião ética (o Judaísmo), capaz de promover lúcida consciência crítica sobre o que acontecia ao seu redor, do ponto de vista socioeconômico e sociopolítico; segundo, a experiência prática dessa espiritualidade por meio de uma mística amorosa para com Deus, que se expressa numa compaixão solidária para com as vítimas do sistema de opressão a que estavam submetidas.

Aproximemo-nos, portanto, da espiritualidade e da mística de Jesus, buscando compreender as implicações desses dois elementos em sua vida pessoal de intimidade com Deus, e em sua prática missionária junto aos empobrecidos daquela época.

A espiritualidade de Jesus

Primeiro, apresentamos aqui alguns elementos sobre o conceito do termo espiritualidade para, em seguida, fazer algumas observações sobre a espiritualidade de Jesus.

O termo "espiritualidade"

A palavra "espiritualidade" provém de "espírito". O termo provém da palavra hebraica de gênero feminino *ruah*, que foi vertida para o grego (*pneuma*) e para o latim (*spiritus*). O significado básico de *ruah* é simultaneamente "vento" e "respiração" naquilo que têm em sua essência: a força que se encontra no golpe do sopro e do vento. O sentido fundamental dinâmico da palavra é bafejar, soprar, bramar [do vento]. Trata-se da força dinâmica, tal como se pode perceber na energia poderosa do vento, e na força vivificante, presente na forma mais originária da respiração de todo ser vivente (EICHER, 1993, p. 243-244, verbete "Espírito Santo / Peneumatologia").

Espiritualidade é, portanto, a vida segundo um espírito (essência vital), um modo de vida. Do ponto de vista histórico, contextualizado, a espiritualidade expressa um comportamento pautado em valores considerados essenciais, tais como verdade, justiça, bem comum (dimensão ética), e que contém uma beleza que dá gosto de ser vista, apreciada e cultivada em seu conjunto (dimensão estética).

Conforme o teólogo Francisco Catão, "a espiritualidade, vinculada à forma do ser humano viver na história, insere-se no que hoje denominamos cultura, cujo estudo é sumamente esclarecedor das mais diversas formas de viver em face das realidades e dos valores que animam a vida verdadeiramente humana" (CATÃO, 2009, p. 17).

A espiritualidade de Jesus

A espiritualidade de Jesus tem suas raízes na cultura religiosa do seu povo: o Judaísmo. Trata-se de uma religião da ação, na qual o compromisso social é de máxima importância. Possui um lado jurídico: a *zedakka* (justiça). O rico é obrigado a dar ao pobre e o pobre tem direito de ser ajudado. Nas Sagradas Escrituras Judaicas, são inúmeros os preceitos referentes a isso. O lado prático da ética consiste no serviço de amor, isto é, o amor ao próximo posto em prática. Mas não basta dar alguma coisa; depende de como se dá - sem orgulho, sem humilhar o outro, pois é uma falta grave fazer o rosto de o pobre corar de vergonha. É importante jamais envergonhar um necessitado. Por influência da *zedakka,* os atos de amor ao próximo se estendem, expressamente, também aos não judeus. Antes do terceiro Reich, em toda cidade da Alemanha, existia um hospital judeu, casa de aprendizes, casas de crianças e de órfãos, instituições para cegos e deficientes. Todas essas instituições eram criadas e mantidas por doações (SCHERER, 2005, p. 125).

Na época de Jesus, o Judaísmo não era homogêneo, em virtude de suas diversas tendências internas. Contudo, é possível perceber a existência de uma espiritualidade comum, na qual a população judaica da Galileia se reconhecia, caracterizada pelos seguintes aspectos, segundo Giuseppe Barbaglio: 1) a fé no Deus Único; 2) a esperança em um Novo Tempo[1].

[1] 1. A fé no Único Deus. Ele é o Criador do mundo e fundador, por graça, de um pacto com seu povo que devia observar as prescrições da Torá (=Instrução / Formação básica); Ele interfere na história para salvar e julgar e que, no fim, instaurará um mundo no qual justiça e paz se beijarão. 2. A esperança em um Novo Tempo. Esse é o tempo da instauração das doze tribos israelitas; conversão ou submissão dos pagãos ou mesmo sua eliminação, nova Jerusalém e novo Templo com a característica de uma santidade e pureza perfeitas. Esse é o tempo da expectativa de um Messias, representado ora como um rei, sobretudo um rei davídico (filho de Davi), ora como um sumo sacerdote, mas também com traços de um novo Moisés, ou também à imagem de Melquisedec transfigurado em um ser celeste, até mesmo nas vestes de uma figura transcendente (o Filho do Homem), sem se esquecer da presença de um messianismo sem messias. Esse é o tempo da esperança no além, uma certa forma de vida além da morte, crença na

Segundo nos apresenta o Evangelho de Marcos, Jesus se dá a conhecer exatamente no ambiente em que se cultivava oficialmente a espiritualidade do povo da Galileia, na primeira metade do século I, a saber: o sábado, a sinagoga e a instrução. É o que lemos em Mc 1,21b-22: "...e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava".

No dia em que o Judaísmo consagra a observância religiosa de cultura a Deus, o *Shabbat*, Sábado, Jesus vai à Sinagoga[2] e, como membro da comunidade judaica de Cafarnaum, usa da palavra e faz um comentário sobre algum trecho da Sagrada Escritura, durante o ofício religioso. Todos se admiram, pois ele prega um novo ensinamento com autoridade, provocando uma inevitável comparação entre o seu ensino e a instrução das autoridades oficiais, no caso, os "escribas", do grego γραμματεις */gramateis/*, "doutores da Lei", peritos e intérpretes das prescrições religiosas.[3]

Os escribas tinham, de fato, um ensinamento que não lhes era próprio, mas uma compilação de citações da lei escrita e das interpretações dos grandes mestres do passado, bem como das tradições conservadas pelos anciãos. Tudo isso suscitava um legalismo que obscurecia a essência da Lei de Deus, impedindo que as pessoas conhecessem e praticassem a vontade de Deus, que consiste no amor incondicional aos que sofrem. Jesus

imortalidade da alma, na ressurreição dos corpos, ou em formas mistas que uniam ambas crenças (BARBAGLIO, 2011, p. 97-98).

[2] A sinagoga, do grego synagoge, "assembleia" ou "reunião", é o nome grego dos lugares judaicos de assembleia para oração e instrução. A sinagoga surgiu em consequência da destruição do templo de Jerusalém em 587 a.C. e a dispersão dos judeus fora da Palestina. Tendo-se tornado impossível o culto centrado no ritual do templo, a sinagoga se organizou como uma substituição para manter a unidade judaica na fé e no culto. As sinagogas mais antigas eram, sem dúvida, reuniões privadas em casas particulares... Nos tempos do Novo Testamento a sinagoga era uma realidade constitutiva e essencial da vida e do culto judaico. A sinagoga se tornou um edifício à parte, construído para este fim; existia em cada cidade da Palestina e nas cidades fora da Palestina, onde havia uma comunidade judaica (MACKENZIE, 1983, p. 882-884, verbete "sinagoga").

[3] O escriba judeu dos tempos do Novo Testamento é o estudioso e o intelectual do judaísmo que recebe o título de rabi (mestre). Sua erudição era o conhecimento da Torá (literalmente, Instrução) que ele considerava como a suma da sabedoria e o único saber verdadeiro. A maioria dos escribas eram fariseus, que aderiam à interpretação estrita da Lei. MACKENZIE, 1983, p. 293, verbete "escriba".

aparece, então, como alguém que ensina a partir da essência da espiritualidade judaica. Seu ensinamento, por isso, além de legítimo, tinha dois aspectos importantíssimos que causavam espanto em todos: primeiro, era um ensinamento pregado com liberdade diante das prescrições religiosas legalistas (uma vez que, na verdade, impediam de praticar a essência da vontade de Deus: promover a vida em qualquer situação); segundo, era um ensinamento prático, cuja ênfase maior não está na oratória, mas na objetividade das ações em prol da vida. A prova disso é oferecida por aquilo que acontece na Sinagoga: um endemoninhado é libertado pela força da palavra de Jesus (FABRIS,1990, p. 438-439).

A mística de Jesus

Num primeiro momento, apresentamos o conceito de mística. Em seguida, como se percebe nos Evangelhos, a mística de Jesus.

O conceito de mística

A palavra "mística", que não aparece na Bíblia, só foi incorporada à Teologia Cristã por volta do século III, em Alexandria. O termo provém da língua grega, do adjetivo *mystikos*, relacionado com os verbos *myô* (que significa o procedimento de fechar os olhos e a boca para penetrar num mistério sem divulgá-lo), e *myeô* (iniciar-se nos mistérios). A palavra "mística" também está relacionada com os substantivos gregos *myterion*, usada quase sempre no plural: *mysteria* (que significa "cultos mistéricos" ou, em sentido profano, "segredo"). Tais significados convergem para a área do religioso e se referem fundamentalmente à experiência religiosa (FRIES, 1987, p. 322-323).

Como conceito religioso, dentro de uma espiritualidade, trata-se manifestadamente de uma experiência pessoal, por meio da qual se

articulam necessidades religiosas, enquanto necessidade de sentido ou enquanto resposta às perguntas existenciais do momento ou da própria vida como um todo. Mística é, então, maneira de fazer com que esse sentido tome forma como experiência que se expressa no comportamento pessoal e no estilo de vida dessa pessoa (EICHER, 1993, p. 564, verbete "mística").

A mística de Jesus

Jesus, dentro da espiritualidade judaica, cultivou uma mística de profunda intimidade amorosa com Deus. E o fez a partir da oração.

"Oração" é um substantivo feminino que provém do verbo "orar", "discursar". A oração é, portanto, no sentido da palavra, um falar perante Deus. Em contrapartida, a pessoa orante tem a convicção, a certeza, a confiança (sentido profundo da palavra grega *pístis*, "fé") de que Deus o escuta; apoia-se na consciência de ser acolhida incondicionalmente, mesmo quando a oração se torna insistência impaciente ou revolta amarga. Orar, falar perante Deus, supõe, portanto, a capacidade de silenciar para "ouvir" Deus falar.

Jesus, tal como aprendeu na espiritualidade judaica, tinha certeza da importância da oração e, por meio dela, cultivou a sua mística própria. Para tanto, conforme Mc 1,35-38, escolhe um lugar separado de todos, "deserto", a fim de procurar a intimidade com Deus: "De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava".

Na oração, Jesus cultiva a experiência mística de intimidade com o Deus do seu povo, Iahweh. Nas Sagradas Escrituras judaicas, sobretudo na Torá (Pentateuco, onde está a instrução básica do Judaísmo) e, de modo especial, em um de seus livros, o Êxodo, está contemplada por escrito a experiência extraordinária que o povo de Israel fez com seu Deus. Iahweh é concebido como um Deus que se faz próximo, motivado por profunda

compaixão pelo sofrimento humano; Iahweh é um Deus que se aproxima do ser humano para reanimá-lo na luta por libertação pessoal e comunitária (Ex 3,7-10). Por meio dessa experiência com Iahweh, o povo de Israel supera a concepção tradicional de Deus distante, inacessível, poderoso, fascinante e temendo (*fascinans et tremendum*), conforme conceito de Rudolf Otto.[4]

Alicerçado no mais profundo da espiritualidade do seu povo, contemplada nas Sagradas Escrituras judaicas, Jesus fez uma experiência pessoal (mística) que supera toda relação ambivalente e dicotômica com o Santo dos Santos (o Divino), aprofundando-se numa relação interpessoal, complementar e integradora com esse *Algo Mais*, a quem concebe como um Pai Todo Amoroso, a quem chama de *Abba*[5] (conforme Mc 14,36).

Esse Pai Todo Amoroso que quer a realização plena de seus filhos e filhas, a nível pessoal e comunitário. Daí a interface da mística de Jesus com ações concretas em prol da vida saudável, priorizando o povo sofrido das pequenas aldeias da Galileia. É o que lemos em Mc 1,38-39): *"Disse-lhes* [ao seu discipulado, homens e mulheres dispostos a segui-lo]*: "Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí. E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios".*

[4] Segundo Rudolf Otto, reconhecer algo como sendo "*heilig*" (cuja melhor tradução dessa palavra alemã não seria "sagrado", mas "Santo") é uma avaliação peculiar que ocorre somente no campo religioso. "*Helig*" apresenta um elemento bem específico, que foge ao acesso racional no sentido acima utilizado, sendo algo "impronunciável", "indizível" na medida em que foge totalmente à apreensão conceitual (OTTO, 2007, p. 37).

[5] *Abba* é um termo aramaico (*'abba*), que vem da linguagem das crianças ("papai"). Em estado enfático, o termo é *'ab*, "pai"*.* Esse termo não aparece no Antigo Testamento; também nunca é aplicado a Deus na literatura judaica posterior. No Novo Testamento, o grego *Abba* é sempre, imediatamente, seguida de sua tradução grega, *ho pater*, para explicar o termo aramaico primitivo, *'abba*, comum na oração de Jesus. Originalmente, nos lábios de Jesus, o termo expressa uma relação particularmente íntima e única entre o Filho Jesus e o Pai Todo Amoroso (CENTRO "INFORMÁTICA E BÍBLIA" ABADIA DE MAREDSOUS, 2013, p.24, verbete "*ABBA*").

A expressão prática da espiritualidade e da mística de Jesus

A espiritualidade e a mística de Jesus se expressam socialmente por meio da compaixão solidária para com os doentes físicos e mentais do contexto em que estava inserido. Assim, as curas de Jesus podem ser interpretadas como consequência prática dessa experiência profundamente religiosa de proximidade íntima e amorosa com Deus.

O verbo "curar" traduz aqui o sentido clássico do vergo grego θεραπευο / *therapeuo* /, de onde vem o termo "terapia", que hoje significa "tratamento médico". Isso supõe que Jesus curasse os doentes em sentido convencional? Ele seria um terapeuta como conhecemos hoje? Evidente que não. Os terapeutas daquela época não tinham o conhecimento suficiente para saber as causas das doenças. Percebiam a enfermidade mas não sabiam muito bem diferenciar as doenças causadoras desse mal. Todo grande episódio de cura no Evangelho de Marcos, começando com 1,41ss, demonstra essa tese. Além disso, do ponto de vista religioso, a enfermidade estava associada à impureza ou pecado, estado que significava exclusão do convívio social. Seguindo essa linha de raciocínio, a atividade terapêutica de Jesus é mais bem descrita como cura, do que como tratamento. Eticamente porque ele confere o resgate da vida socioeconômica na superação de doenças físicas ou mentais que impedem a pessoa de desenvolver algum tipo de trabalho. Religiosamente, porque liberta do estigma de exclusão resultante de impureza ritual proveniente da enfermidade (MYERS, 1992, p. 185-186).

Em Mc 3,7-13a e 6,5-7, encontramos sumários sobre curas e exorcismos de Jesus que salientam a crescente compaixão de Jesus diante dos pobres e das massas sofridas. A deterioração econômica e política deixou em extrema pobreza grande parte da população palestinense, principalmente nas áreas rurais densamente populosas da Galileia. A doença e a incapacidade física constituíam parte inseparável do ciclo de

pobreza. Para o trabalhador diarista, a enfermidade significava desemprego e empobrecimento imediato (MYERS, 1992, p. 184-185). Ao restituir a saúde de muitas pessoas dessa grande multidão, Jesus lhes oportuniza não só a restauração do corpo e da mente, mas devolve-lhes o poder para reconstruir sua vida. Instaura-se, desse modo, uma nova ordem social, em que todos tenham vida, e vida em plenitude.

A espiritualidade e a mística de Jesus, que se concretizam em seu comportamento de amor solidário, tem sua inspiração em Iahweh, o Deus misericordioso e compassivo que está nas origens da concepção teológica do seu povo, tão bem expresso no poema contido em Ex 34,6: "*Iahweh! Iahweh... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade*". O vínculo estreito entre a misericórdia divina e a misericórdia humana está na linha da imitação: fazer próprio o comportamento misericordioso de Deus. Jesus vive dentro de si, e manifesta, em suas ações solidárias, uma figura de Deus marcada pela ternura e piedoso, compassivo e fiel no seu amor (BARBAGLIO, 2011, p. 596).

Há, portanto, nessa mística de intimidade com Deus Pai Todo Amoroso, um simétrico comportamento amoroso entre o Pai e o Filho, entre um "EU e TU" humano e divino que se fundem num só, gerando um poder capaz de restaurar vidas. As curas de Jesus pressupõem, desse modo, uma relação interpessoal de fé, do grego *pístis* (confiança), entre a pessoa doente e o agente da divindade (taumaturgo). Nisso se manifesta poderes em relação. A fé, sem dúvida, é uma expressão de poder que libera o poder (*dynamis*) da divindade, por meio do seu representante, proporcionando uma poderosa dinâmica de libertação e superação do mal. Essa relação de poderes articulados entre paciente e terapeuta atua como (re)construção de identidades após a cura (REIMER, 2008, p. 66).

Conclusão

A ação de Jesus, continuada por seu discipulado, está alicerçada na espiritualidade judaica, cujo fundamento teológico é Iahweh, um Deus compassivo e misericordioso, solidário com o sofrimento humano.

Animado por uma mística pessoal de intimidade amorosa com Deus, a quem chamava de *Abba*, Jesus "curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios" (Mc 1,34). Isso ajuda a interpretar melhor o alcance sociopolítico da atuação de Jesus. Para Marcos, o personagem Jesus é o protagonista de toda a narrativa, que aparece com poder de restaurar a vida de homens e mulheres, recuperando-os a lucidez mental e a força física a fim de que tivessem condições de ressignificarem a sua própria vida.

Nesse sentido, Jesus age impulsionado pelo Espírito Criador do Deus da Vida, empenhado que está em praticar a centralidade dos Mandamentos. O quinto Mandamento não deve ser interpretado tão somente ao pé da letra: "NÃO MATAR". A interpretação deve ser mais larga e abrangente: "PROMOVER A VIDA", cuidar da vida, criação do Deus Todo Amoroso.

Por isso, para o evangelista Marcos, Jesus é o Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1), a encarnação viva da misericórdia divina. Em sintonia com Deus, dentro da espiritualidade do seu povo, por meio de uma mística profunda, Jesus age como um terapeuta, um médico, "por meio do qual a saúde se difunde sobre a terra" (Eclo 38,8). Na ação terapêutica de Jesus, os enfermos recuperam a saúde física, e os possuídos pelas forças do mal são resgatados de seu conturbado mundo psíquico. Jesus reintegra tais pessoas à sociedade com o corpo saudável e a mente sã, lúcida, consciente, numa clara constatação de que o Reino de Deus já se faz presente na história.

Referências

BARBAGLIO, Giuseppe. Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

CATÃO, Francisco. Espiritualidade cristã. São Paulo: Paulinas, 2009.

CENTRO "INFORMÁTICA E BÍBLIA" ABADIA DE MAREDSOUS. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas: 2013.

EICHER, Peter. Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia. São Paulo: Loyola, 1993.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: Os Evangelhos (I). São Paulo: Loyola, 1990.

MACKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1983.

MYERS, Ched. O evangelho de São Marcos. São Paulo: Paulinas, 1992.

OTTO, Rudolf. O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 37.

SCHERER, Burkhard (Org.). As grandes religiões: Temas centrais comparados. Petrópolis: Vozes, 2005.